

1974

LEONARDO E A FACULDADE DULCINA

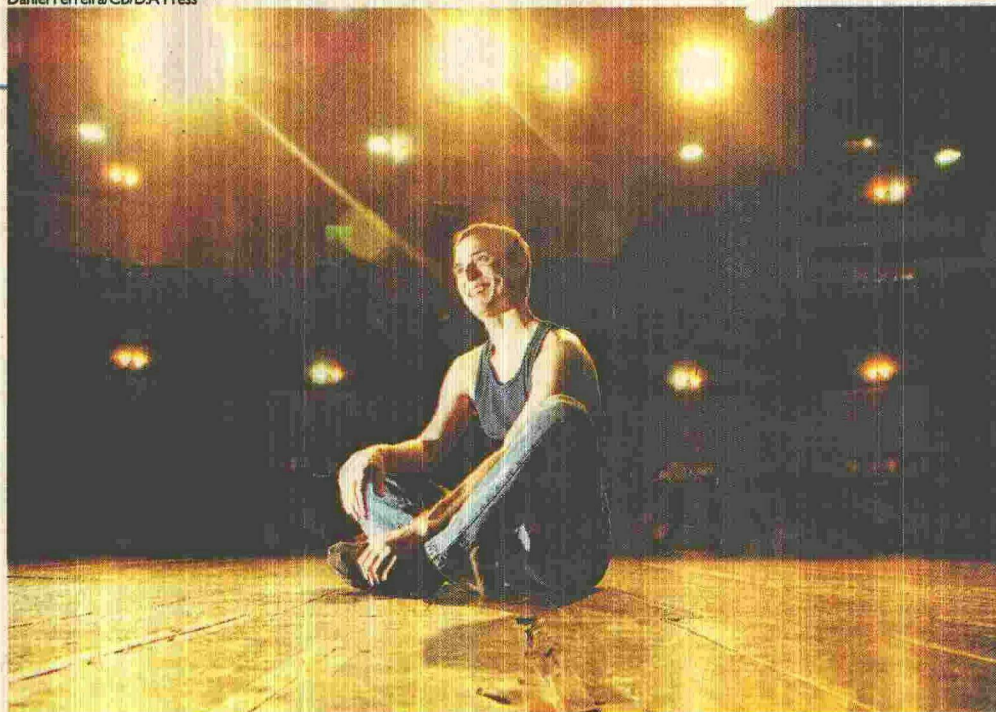
(O RITO DE SUBIR NO PALCO)

MARIA FERNANDA SEIXAS

Nos sonhos da atriz e diretora Dulcina de Moraes, cabia a inauguração da sede da Fundação Brasileira de Teatro (FBT), em 10 de março de 1974. A data estava marcada na agenda do então presidente Emílio Garrastazu Médici. No entanto, entre idas e vindas, o projeto só foi concretizado em 21 de abril de 1980. Da decisão de transferir do Rio de Janeiro a instituição para Brasília, foram necessários 10 anos de negociação, prazos descumpridos, tempo perdido e jogo de cintura para erguer a obra e inaugurá-la com a peça *Gota d'água*, de Chico Buarque. A estreia foi um sucesso e Dulcina chegou a afirmar que aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Naquele ano de 1974, nascia Leonardo Villas Braga, menino que teria a vida intimamente ligada ao projeto de Dulcina de Moraes, que

Daniel Ferreira/CB/D.A. Press



LEONARDO SOBE COM ORGULHO AO LOCAL SAGRADO CONSTRUÍDO PELA ATRIZ DULCINA DE MORAES

lutava para ser erguido. Em 2008, quando pisou pela primeira vez na Fundação Brasileira de Teatro, ele viveu uma das mais fortes experiências: a de lecionar. Cineasta, ator, roteirista e professor de artes (ou trabalhador cultural, como prefere ser chamado), buscou entender o sentido de ser artista, sentimento comungado com a grande atriz. “Aprender teatro, hoje, é aprender não só uma nova língua, mas nova forma de pensar a vida. A grande dificuldade é que comumente se utilizam categorias mentais do universo cotidiano para tentar entender o universo cênico, e isso traz grandes erros”, afirma.

A trajetória de Leonardo no teatro foi oposta à de Dulcina. Enquanto a atriz pertencia à sétima geração de uma família de artistas e já atuava muito antes de aprender a andar ou falar (ainda bebê, fez o papel de uma boneca numa peça teatral encenada pela mãe, Conchita de Moraes), Leonardo pouco se relacionou com o tema na infância e na adolescência. Tímido, gostava de desbravar a cidade em sua bicicleta, ouvir música clássica e brincar com os amigos da rua e da escola. Cresceu na casa dos pais, no Lago Norte, e, como uma boa parte dos jovens de Brasília, viveu período de turbulência com a capital. “Não entendia a dinâmica individualista da cidade na época e não me identificava com a galera da minha idade. Apesar de sempre amar Brasília,

muitos aspectos me incomodavam”, confessa.

Aos 17 anos, Leonardo se mudou para o Canadá e, lá, fez o primeiro contato com os palcos. “Sentia que precisava me expressar e fui me transformando com a atuação”, lembra. Ao voltar ao Brasil, o rapaz foi tentar a vida em São Paulo. Atuou em peças, foi oficineiro de teatro, escreveu roteiros e dirigiu curtas-metragens. Sete anos depois, retornou à capital federal. “Um dia percebi que voltaria para cá. Sempre critiquei a dependência do brasileiro de um referencial externo, mas sabia que, ficando em São Paulo, reforçava esse pensamento”, conta.

Quando entrou como professor no espaço físico da Fundação Brasileira de Teatro, observou que ali se destaca a riqueza humana e histórica. “O lugar mexe com a gente. O cheiro de bolor denuncia o suor impregnado em toda a parte, que faz com que as paredes pulsem a arte. É uma atmosfera intrigante.” A admiração pela atriz cresceu durante a experiência como professor. “Por vezes, parei para observar o rosto enigmático dela, estampado bem na entrada da faculdade. Parece que nos desafia. É justamente esse lampejo que me fez abraçar a causa da curiosidade, para além das definições que cristalizam as técnicas teatrais”, analisa.

E MAIS:

O ano de 1974 foi agitado na vida política mundial. Em Portugal, a ditadura, que vigorava desde 1926, foi deposta em 25 de abril, com a Revolução dos Cravos. Em agosto, nos Estados Unidos, o polêmico caso Watergate teve o desfecho com a renúncia do presidente republicano Richard Nixon, que finalmente cedeu à pressão com a confirmação das denúncias de espionagem encomendadas por ele contra o Partido Democrata. No Brasil, foi inaugurada a primeira linha de metrô do país, na cidade de São Paulo, ligando os bairros de Jabaquara e Vila Mariana. O ano também ficou marcado pelo incêndio do edifício Joelma, uma das maiores tragédias da história de São Paulo, que registrou mais de 170 mortes.